



Opinião Econômica

Rodrigo Zeidan

Professor da New York University
Shanghai (China) e da Fundação
Dom Cabral. É doutor em
economia pela UFRJ



Uma vida extraordinária

Ninguém vai conquistar o que quer entrincheirado no sofá

“Finalmente meus pais aceitaram o fato de eu ter largado a faculdade para abrir minha empresa”, postou uma ex-aluna que me procura de tempos em tempos para ajudá-la a tomar decisões de carreira. Ela estava certíssima em abandonar os estudos. O problema foi quando começou a postar que outros deveriam fazer o mesmo. Chamei-a para uma conversa. Generalizar a partir de um exemplo é perigoso; ela é a exceção, não a regra.

Ela vai levar uma vida extraordinária; na sua definição literal. Ou vai mudar o mundo ou vai se ver no fundo do poço. Seu erro é achar que todos têm as mesmas

ambições e energia. No fundo, a maioria quer uma vida tranquila; poucos estão dispostos a viver fora dos padrões da sociedade, para o bem e para o mal - a vida de Putin também é extraordinária, afinal.

No fundo, o que vale para mercados financeiros também vale para decisões fundamentais de longo prazo: quanto maior o risco que alguém está disposto a aceitar, maior o possível retorno (mas também maior a possível perda). O ser humano médio é avesso ao risco.

O melhor aluno que já tive passou em concurso para o Banco Central no último ano de fa-

culdade. Ele veio conversar, pois estava indeciso sobre assumir o cargo. Falei que ele poderia apostar em si mesmo se quisesse. Se fosse explorar o mercado privado ou de pesquisa, poderia sempre mudar para o setor público, mas o inverso era mais difícil: uma vez que os anos de serviço se acumulam, é mais difícil pular para o setor privado. Enquanto nós, meros mortais, podemos duvidar das nossas habilidades, ele não tinha esse problema: todos ao seu redor sabiam que sua capacidade de estudo era inigualável.

Todavia, seus pais e amigos não conseguiam entender qualquer decisão que não fosse agar-

rar um bom emprego com estabilidade com todas as forças. Eles o convenceram. Anos depois, soube que ele estava extremamente infeliz com sua rotina, se sentindo subutilizado. As decisões mais confortáveis também têm seu preço.

Não há como mudar trajetória pessoal ou social sem colocar o seu na reta. Por mais que deteste Elon Musk, reconheço que parte da sua trajetória envolveu tomar decisões fora do normal. Ele era o maior acionista da PayPal e, quando ela foi vendida, botou US\$ 180 milhões no bolso. Qualquer pessoa normal separaria parte dos recursos. Musk colocou US\$ 100 milhões na SpaceX, US\$ 70 milhões na Tesla e US\$ 10 milhões na Solar City, pegando dinheiro emprestado para pagar o aluguel. As três empresas quase foram à bancarrota em 2008; ele ficou realmente

perto de perder tudo.

Se toda a sua fortuna é “justa” ou não, pouco importa. Aqui, resalto que Musk tomou decisões fora da caixinha em vários momentos (e hoje paga por ter destruído sua reputação como consequência de algumas).

Precisamos ensinar nossos filhos que vidas extraordinárias são conquistadas somente com alto risco e desconforto. Tudo bem buscar uma vida tranquila. Mas desde que não vá reclamar que a vida é injusta por não ter alcançado seus maiores sonhos. Ou vá para a internet jogar para baixo os que tentam sobressair. A vida é injusta, mas ninguém vai conquistar o que quer entrincheirado no sofá. Sua vida é extraordinária? Não é só sorte ou ter nascido rico para que portas se abram. Também depende de você. E só de você.



**Quem tem conta empresarial
Banrisul agora tem limite turbinado
do cartão Banricompras Empresas.**



Missão RS aos EUA

Fernanda Crancio, editora de Economia, de Nova York

fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br



‘A Gerdau tem mais resultados financeiros nos EUA’

Presente nos debates realizados na terça-feira durante o Lide Brazil Investment Fórum, evento anual do Lide promovido em Nova York durante a Brazilian Week, o CEO da Gerdau, Gustavo Werneck, abordou as dificuldades de operação no Brasil devido a questões como a carga tributária, a relação comercial Brasil-Estados Unidos, a taxa de produção global, e apontou a falta de oportunidade para que os empresários, que sofrem as consequências diretas das medidas tarifárias, sejam ouvidos. Segundo ele, embora a companhia de origem gaúcha tenha bom trânsito no mercado dos EUA, onde atua há mais de quatro décadas, “ao longo do tempo, essa relação tem trazido benefícios, mas tem trazido também bastante dificuldades”.

“Quereria agradecer (ao evento) por dar voz aqui aos empresários, porque de certa forma, boa parte das consequências daquilo que é dito, que é debatido, que é prome-

tido aqui, somos nós que sofremos ou usufruímos ao longo do tempo. De certa forma, nós da Gerdau temos uma posição talvez privilegiada, porque a gente vem fomentando e desenvolvendo essa relação Brasil-Estados Unidos durante muitos anos. Produzimos aço localmente nos Estados Unidos há mais de 40, estamos há 30 anos listados na Bolsa de Valores de Nova York, o que nos dá um selo de qualidade de empresas como a nossa, que estão há tantos anos operando aqui na América do Norte, e queria dizer que essa relação tem trazido benefícios, mas tem trazido também bastante dificuldades”, apontou.

Ele exemplificou, dizendo que acompanha a semana do Brasil em Nova York há 10 anos consecutivos, mas que há poucos eventos realmente dedicados a explicar o Brasil aos investidores. “Hoje no free float (percentual de ações de uma empresa que estão disponíveis para livre negociação na Bolsa de Valores) da Gerdau, 70% das ações es-

tão na mão de grandes investidores institucionais estrangeiros, boa parte aqui nos Estados Unidos”, disse.

Entre os principais empecilhos para as empresas brasileiras crescerem, destacou a alta carga tributária, que prejudica a captação de investimentos estrangeiros. “É importante também que a gente venha aqui e entenda um pouco das dificuldades que temos como empresa brasileira, como se compara com os Estados Unidos. A reforma tributária, a gente conseguiu sair de três pessoas que cuidam da área tributária dos Estados Unidos na Gerdau para duas, enquanto no Brasil temos 123. Então, a importância da reforma tributária é fundamental”, reforçou. Werneck apontou ainda que a Gerdau, com 125 anos de história no País, atualmente tem mais retorno exatamente no mercado norte-americano do que no Brasil. “Atualmente, temos mais resultados financeiros da Gerdau aqui nos EUA do que no Brasil, o que é um contrassenso”, concluiu.

Parcerias com empresas de tecnologia

Esta quinta-feira marca o último dia de programação da missão do governo gaúcho aos Estados Unidos. O foco da agenda será tecnologia, com reuniões em empresas da área como IBM e Open IA, a criadora do ChatGPT, pela manhã.

Essa última, inclusive, será a primeira vez que receberá uma comitiva oriunda de um estado brasileiro. As agendas, intermediadas pela secretária de Inclusão Digital, Lisiane Lemos, são aguardadas com grande expectativa pelo grupo.

Chuva em Nova York

Após três dias de sol e temperaturas amenas, chuva, vento e queda de temperaturas pegaram a comitiva gaúcha de surpresa. O jei-

to foi correr em busca de casacos em lojas de departamentos, onde foram vistos alguns integrantes da comitiva.



FERNANDA CRANCIO/ESPECIAL/JC